

William Beckford e Portugal

Maria Laura Bettencourt Pires

Professora Catedrática da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Católica Portuguesa, Lisboa

Antes de mais quero dizer que foi com muito gosto que aceitei o gentil convite que me foi feito pela Associação dos Amigos de Monserrate e quero aproveitar esta ocasião para os felicitar tanto pela criação da Associação como por toda a sua louvável actividade cultural.

Há 214 anos William Beckford viveu neste local onde hoje nos reunimos para recordarmos o arquitecto, músico, escritor, *connoisseur* e mecenas inglês que tanto gostava de Portugal e de Sintra, que, em 1804, ainda dizia ao seu amigo Jacinto Bandeira: "...a minha afeição por Portugal e o meu desejo de lá voltar só acabarão com a minha morte"ⁱ.

Como, desde 1980 tenho vindo a fazer investigação e a escrever sobre Beckford, creio que posso dizer que o conheço razoavelmente e, por isso, acho que ele decerto ficaria muito satisfeito por saber que ainda era lembrado e referido com admiração em Portugal quando no passado mês de Setembro se celebraram os 248 anos do seu nascimento. Consciente do vosso interesse por Monserrate e por aqueles que o habitaram, e também devido ao facto de ultimamente se ter publicado muito sobre este viajante e

coleccionador de objectos de arte, não tenho a pretensão de vos dizer hoje algo de novo e gostaria, por isso, que as minhas palavras e as imagens que seguidamente vou projectar servissem de motivação para uma conversa em que todos participássemos no final.

Como podem ver neste plano, vou começar por fazer algumas referências biográficas, que incluem as três estadas em Portugal, respectivamente em 1787, 1794 - quando viveu em Monserrate - e, em 1798, após a morte da mãe. Vou mencionar igualmente a contribuição de Beckford para a evolução da arquitectura em Inglaterra com a construção da famosa Fonthill Abbey e para a arquitectura paisagística com a criação dos jardins e do enorme parque que envolvia a mansão, assim como nos diferentes locais em que viveu em Inglaterra e no estrangeiro, como foi o caso de Monserrate. Entre as várias actividades de Beckford escolhi a de coleccionador para vos falar hoje com um pouco mais de pormenor. Menciono também a sua vida em Bath e a construção de Lansdown Tower, terminando com breves referências à bibliografia primária e à secundária.

Relativamente à **Biografia**, sabemos que nasceu em 29 de Setembro de 1760 e morreu em 2 Maio de 1844 com 84 anos. Quanto à **Família**, o pai, que era um político corajoso, começou por ser "Sheriff" e "Alderman" e depois foi *Lord Mayor* de Londres em 1762 e 1769. Apoiava o controverso deputado liberal John Wilkes e no seu monumento em Guildhall, que aqui podem ver, estão inscritas as famosas palavras de crítica que teve a coragem

de dizer ao rei George III, em 1770. Enquanto a mãe, Maria Hamilton, descendia de Mary Stuart e do Conde de Abercorn, pertencendo a uma das mais antigas famílias nobres escocesas, o estatuto social menos aristocrático do pai fazia com que fosse visto como um "novo rico", devido à enorme fortuna que três gerações dos seus antepassados tinham amealhado nas vastas plantações de açúcar que possuíam na Jamaica, tal como Peter e Ms Beckford que aqui vemos.

Como era hábito entre as famílias nobres mais abastadas, Beckford foi educado em casa com vários professores famosos que lhe ensinaram arquitectura e desenho, como *Sir William Chambers* e *Alexander Cozens* e, além de falar fluentemente línguas modernas e clássicas, era um apreciador de arte e de música, tendo em 1765, quando tinha 5 anos tido lições de piano com Mozart, que então estava em digressão em Inglaterra.

Após a morte do pai, Beckford, com apenas 11 anos, herdou uma fortuna principesca. Tal como tantos outros ingleses nobres, na adolescência fez o *Grand Tour*, um período de estudo e viagem pela Europa, acompanhado de músicos e pintores que registavam as paisagens que ele tanto admirava em Itália e França. Nessa viagem, refinou o seu requintado gosto pelas artes e, durante o tempo que passou a estudar na Suíça, contactou vários intelectuais famosos e teve a honra de ser recebido por Voltaire devido à fama política do pai. Quando regressou, em 1778, toda a sociedade de Londres acolheu entusiasmada o herdeiro de tão grande

fortuna e frequentava as suas festas que chegaram a durar três dias. A este propósito, é de mencionar que quando fez 21 anos, na festa, além de haver fogos de artifício e enormes fogueiras, participaram três cantores de ópera italianos e que nas celebrações de Natal, organizadas por Philippe Jacques de Louthembourg, que hoje designaríamos como um mestre em efeitos especiais, houve quadros em movimento, *son et lumière* e trovões e relâmpagos artificiais durante vários dias e noites.

Em 5 de Maio de 1783, casou com a bela *Lady* Margaret Gordon, filha do 4º Conde de Aboyne, mas, devido a um escândalo que envolveu o jovem Kitty Courtenay, embora a sua culpa nunca fosse provada, em 1785, decidiu exilar-se com a mulher e a filha, Margaret Maria, ainda bebé e mudou-se para a Suíça, onde viveu muito feliz até à morte da mulher após o nascimento da segunda filha em 1786. Movido pelo desgosto, pois amava *Lady* Margaret e esta adorava-o - como pode comprovar-se pelas cartas que se encontram no espólio - decidiu visitar as propriedades na Jamaica mas, devido ao enjoo, parou em Lisboa e sentiu-se tão bem entre os Portugueses que decidiu não prosseguir viagem.

A filha mais nova Susan Euphemia (1786-1859) casou, em 1810, com o amigo do pai e também coleccionador de livros raros, Alexander, 10º Duque de Hamilton (1767-1852). Susan herdou o amor da música de Beckford que, em 1828, lhe deu um piano Pleyel, que ainda hoje podemos ver na Hamilton Collection em Lennoxlove, na Escócia, na residência da

família. O piano, que estava no Palácio Hamilton, foi tocado por muitos dos notáveis músicos que a Duquesa convidava - incluindo Frederic Chopin - e Beckford, nas visitas regulares que fazia à filha, certamente também nele demonstrou as suas capacidades de exímio pianista.

Decerto devido à amizade estabelecida pelo pai com o famoso virtuoso violoncelista e compositor italiano, Luigi Boccherini (1743-1805) - que visitou Portugal em 1787 - também se encontra na mesma colecção um elegante manuscrito de onze sonatas para violoncelo de Boccherini que a Duquesa usava como partitura nos seus recitais.

A filha mais velha, Margaret, casou com um general contra a vontade do pai e, por isso, foi deserdada indo toda a fortuna para os Hamilton que, ao longo do tempo, acabaram por a delapidar.

No campo da **Política**, e dando continuidade à tradição familiar, Beckford foi Deputado (M. P.) de Wells e de Hindon na Câmara dos Comuns entre 1784 e 1794 e de 1806 a 1820ⁱⁱ.

Embora não se interessasse muito por política, foi alvo dos inimigos do pai que temiam que ele tivesse o mesmo tipo de atitudes liberais e decidiram afastá-lo, tendo o Chanceler, Lord Loughboroughⁱⁱⁱ (1733-1805), com esse objectivo, manipulado o acima referido escândalo relacionado com comportamento sexual menos próprio que, embora nunca fosse comprovado, como disse, acabou por o afastar para sempre da vida política e até social de Londres e o forçou ao exílio voluntário e impediu que recebesse o título

nobiliárquico a que tinha direito, deixando-o amargurado e desiludido para o resto da vida.

Ao abandonar a política, Beckford parece ter-se empenhado com o afincado e entusiasmo que o caracterizava nas verdadeiras paixões da sua vida, como a literatura, a colecção de objectos de arte e de livros, com um destaque especial para a arquitectura e evidenciando-se em todas elas, como veremos.

Entretanto, é de referir que tinha também residências em Londres, onde se deslocava regularmente para adquirir livros ou quadros e, visto que não podia viver senão rodeado de beleza, as casas tinham as características de todas aquelas que Beckford habitou. Uma delas ficava no N° 22, Grosvenor Square, que aqui vemos. Durante a sua permanência em Paris durante longos períodos, ficou em vários locais mas sempre nos bairros mais elegantes da cidade, como o belo *Palais Kinsky*.

Em Portugal, teve também várias residências, que o seu procurador lhe alugava ou comprava, como em Lisboa, na Rua da Cova da Moura, na Quinta de S. José, em Algés e, em Sintra, na Quinta do Ramalhão mas hoje vou referir apenas o Palácio de Monserrate.

Segundo o plano que mostrei no início, o 2º ponto da minha da minha apresentação é sobre Beckford em Portugal e decidi, como já disse, focar a sua estada em Monserrate e em Sintra. Como é do conhecimento geral, as primeiras referências a Monserrate datam de há cerca de 10 séculos quando

da ocupação árabe de Portugal. Sabe-se que, em meados do século XVI, em 1540, a propriedade pertencia ao Hospital de Todos-os-Santos, em Lisboa, cujo reitor, o abade Gaspar Preto, tendo visitado a virgem negra de Monserrate, na Catalunha, mandou fazer uma estátua da santa e erigir uma pequena capela em sua honra, no local onde está hoje o Palácio. Em 1790, Gerard DeVisme construiu um palácio neo-gótico sobre a ruína da antiga capela. A actual capelinha foi igualmente construída por DeVisme, também em estilo neo-gótico mas nunca se destinou ao culto. Em 1794, DeVisme alugou o Palácio a Beckford, que lá viveu dois anos e realizou inúmeras benfeitorias, criando um jardim, que integrava as ruínas e a cascata ainda hoje existentes.

Sabe-se que, quando voltou a Portugal em 1798, Beckford renovou o contrato de sub-locação por um período de nove anos e após a sua partida, em 1799, a propriedade foi votada ao abandono até ser comprada por *Sir Francis Cook*, o 1º Visconde de Monserrate, que, além de construir o actual Palácio, juntamente com o pintor paisagista William Stockdale, o botânico William Neville e o mestre jardineiro James Burt, recriou o parque com caminhos sinuosos por entre ruínas, recantos, cascatas e lagos, tal como Beckford o imaginara. Pouco tempo depois de ter adquirido a propriedade, em meados do século XIX, *Sir Francis Cook* modificou-a propositadamente de forma a constituir uma ruína romântica.

No âmbito do culto pelo sagrado em Monserrate, quero fazer uma referência à estátua de Sto. António, que Beckford, quando aqui vivia, encomendou ao escultor John Charles Rossi^{iv} e que - depois do seu regresso a Inglaterra - passou a ter um lugar de relevo em todas as suas residências, tal como acontecia em Monserrate. Era uma estátua em alabastro do santo patrono de Beckford que estava em evidência num Oratório rodeada por 36 velas em candelabros de prata, que estavam sempre acesas. É de referir que esta estátua se encontra actualmente no Colégio de S. João de Brito, em Lisboa^v. A devoção a Sto António levou sem dúvida também a que adquirisse várias pinturas sobre o tema de "As Tentações de Sto. António", como a do pintor barroco David Tenniers (1610-90), que aqui vemos.

Por outro lado, o jardim romântico com as cascatas e ruínas que Beckford criou em Monserrate, e de que ainda podemos ver vestígios, integra-se no interesse pela jardinagem que o acompanhou também durante toda a vida.

Em Portugal e em Sintra, são de referir ainda os passeios com os amigos, como o que fez com o Marquês de Marialva à Quinta de Mazziotti, em Colares, ou outros com D. Pedro de Marialva e Jacinto Bandeira que, anos depois, continuava a receber em Fonthill Abbey com o fausto que o caracterizava.

Por outro lado, refiro o gosto pela **arquitectura** que Beckford sempre teve pode ter sido herdado do pai que, em 1755, construiu e mobilou uma

nova casa no estilo neoclássico, denominado Paládio, designada como **Fonthill Splendens**, onde Beckford passou a sua infância. Embora, após a morte do pai, em 1770, Beckford tenha remodelado e decorado o edifício, em 1807, durante a construção de Fonthill Abbey, mandou-o demolir. Com efeito, em 1796, iniciou a construção, em Fonthill Gifford, no *county* de Wiltshire, de uma extravagante e gigantesca mansão neo-gótica, que designou como Fonthill Abbey, onde vivia e expunha as suas extensas colecções de arte e que, apesar do seu tamanho colossal, estava repleta de inúmeros objectos de arte raros e preciosos, que hoje se encontram nos mais importantes museus do mundo.

Fonthill Abbey que ruiu parcialmente ainda em vida de Beckford) foi construída, entre 1796 e 1812, segundo o estilo do revivalismo gótico, que já foi também designado como georgiano, romântico e pitoresco, e tinha uma torre com uma agulha de cerca de cem metros, para ser mais alta do que o campanário da Catedral de Salisbury. Beckford adquiriu mais 1.700 hectares para criar um magnífico bosque à volta da mansão e plantou um milhão de árvores, segundo referências da época, num só dia. Avenidas, veredas e caminhos para carruagens foram cobertos com relva que era cortada durante a noite para não perturbar o ambiente. Beckford era muito generoso para quem trabalhava para ele e um dos objectivos da construção, segundo ele, era diminuir o desemprego na zona.

A decoração da casa era espectacular e incluía a melhor mobília francesa, lacas japonesas e muitas peças de porcelana ou pedras semi-preciosas com suportes em bronze dourado. A mansão foi, obviamente, muito falada no seu tempo por ser uma das primeiras estruturas em estilo neo-gótico e por o seu aspecto de catedral constituir um corte radical com o das residências nobres mais clássicas então existentes em Inglaterra. Para explorar as possibilidades românticas da arquitectura gótica, Beckford escolheu o famoso arquitecto James Wyatt, responsável pela recuperação da Catedral de Westminster, mas supervisionou pessoalmente o planeamento e toda a construção, com a energia e o entusiasmo que o caracterizavam.

Porém, em 1822, quando de um leilão organizado por Mr. Christie, de Pall-Mall, que durou 10 dias e para o qual foram impressos 9.000 catálogos, vieram em peregrinação cerca de 7.200 visitantes que pagaram o equivalente a £55 pelo bilhete e pelo catálogo para observarem o mobiliário, as carpetes e jarros, taças e cofres assim como todos os outros belos objectos que tinham sido adquiridos por toda a Europa pelo mais famoso milionário de Inglaterra.

Beckford vendeu Fonthill Abbey, assim como parte da sua biblioteca e das colecções de arte, a John Farquhar, um rico negociante de pólvora. Pouco tempo depois, ruiu uma das torres que tinha 80 metros de altura.

Após a venda, decidiu mudar-se para Bath, para Lansdown Crescent N° 21, e, mais tarde, contratou o arquitecto Henry Goodridge para construir

Lansdown Tower, entre 1825 e 1827, hoje geralmente designada como Beckford Tower. Esta torre austera de 47 metros de altura, em estilo neoclássico, está no topo de Lansdown Hill, e dela tem-se uma vista panorâmica da cidade e do campo que, segundo Beckford, era a mais bela da Europa.^{vi}

Em Lansdown Crescent, comprou três casas adjacentes ou melhor que ligou por uma ponte coberta e um terreno atrás das casas - actualmente conhecido como Beckford's Ride - com o comprimento de quilómetro e meio de terra não cultivada que vai até ao topo do monte onde construiu a torre. Ajardinou esse terreno e, até ao fim da vida, ia todos os dias no seu cavalo árabe até à torre, percorrendo uma distância de 3 Km, com um criado e os cães que sempre o acompanhavam. O caminho termina na Torre que tem no cimo uma lanterna inspirada no Monument Corágico de Lisicrates e um miradouro octogonal dourado rodeado de um varandim, como podem ver nas imagens.

Tal como nas suas outras sumptuosas casas, também aqui Beckford manipulou o espaço, a luz e a cor. Em grande destaque, no interior da Torre, havia uma pequena sala, de 5 x 2 metros, denominada por Beckford *the Sanctuary*, a que se tinha acesso por um corredor e que era iluminada por clarabóias de vidros coloridos. Nesse Santuário, em cima de um pedestal de mármore de Siena, com a inscrição "Dominus Illuminatio Mea", que são as palavras de abertura do Salmo 27 e significam "O Senhor é a minha luz"^{vii},

estava em grande evidência a já referida estátua de Sto. António feita para Monserrate e esculpida por Rossi, como vimos. Em Bath, tal como antes em Fonthill, a estátua estava iluminada por cima por um pequeno círculo de luz intensa, enquanto que as estantes e os armários, que estavam de um lado e de outro do corredor e que continham muitos dos mais valiosos bens de Beckford, eram pouco iluminados sob o tecto em abóbada, obtendo Beckford assim um efeito mais espectacular, como tanto gostava. Toda esta atmosfera do *Sanctuary* - além de provar que Beckford toda a vida se manteve fiel na sua devoção do Santo português - também decerto lhe lembrava o *Revelation Chamber* em Fonthill, concebido por Benjamin West. Para as *lunettes*, isto é, os espaços em forma de meia lua, por debaixo da cúpula do Santuário, Beckford encomendou ao pintor Willes Maddox (1813-53), natural de Bath, quatro pinturas sobre temas do Novo Testamento. Anotações manuscritas num exemplar de um catálogo da venda de Lansdown Tower em 1845^{viii} lembram que o leiloeiro afirmou que essas pinturas, lotes 334-336, tinham sido as últimas coisas que Beckford encomendara e que as tinha visto já no seu leito de morte. Trata-se dos quadros intitulados "The Temptation in the Wilderness", "Christ's Agony in the Garden", "The Annunciation" e "St Mary and St Anne". Willes Maddox tinha pintado antes a série de quadros a óleo intitulados "Objects of Virtue" e aguarelas do interior da Torre, e, em 1844, pintou também o seu notável

patrono no leito de morte e, anos mais tarde, em 1852, fez os retratos do Duque e da Duquesa de Hamilton, seus herdeiros, que vos mostrei.

Apesar da importância da torre e de, actualmente, apenas restarem ruínas de Fonthill Abbey - pois tudo o que subsiste é menos de metade da ala norte onde estava a Torre Lancaster, o Santuário e o Oratório - a casa em Fonthill continua a ser a prova mais evidente da capacidade arquitectónica de Beckford, e Lansdown Tower, em Bath, que, aliás, foi recentemente restaurada, a sua mais importante realização. A mistura de estilos arquitectónicos levou já a que considerassem Beckford um "compositor de edifícios", *composer of buildings*, tal como no campo da música era um compositor e notável executante de vários estilos musicais.

Relativamente ao **modo de vida** que levava é de referir que Beckford conciliava um gosto pelo excesso na arquitectura, na decoração de interiores e na recepção de amigos com uma vida quotidiana extremamente simples e austera. Desde criança, todos os dias se levantava e deitava muito cedo. Andava a cavalo sempre durante uma ou duas horas antes do pequeno-almoço e passava todas as tardes a ler como se comprova pelas anotações feitas a lápis nas margens de quase todos os livros da sua enorme biblioteca, que continha cerca de 20.000 livros todos com a sua encadernação. Apesar da decoração faustosa de toda a casa, o seu quarto parecia uma cela de convento como se comprova pelo quadro pintado por Willes Maddox de Beckford no seu leito de morte que veremos seguidamente.

Quanto à maneira sumptuosa como recebia os amigos, entre os quais se contavam pintores, como Benjamin West, escritores, artistas, artesãos e negociantes de arte, é de referir o banquete principesco que organizou, em 1800, quando da inauguração da casa e da célebre visita de *Lord Nelson* e de *Lady Emma Hamilton*.

Na verdade, no seu dia a dia, mesmo quando não tinha visitas, Beckford exigia que nos seus jantares embora apenas com Franchi, o seu *factotum*, fossem servidos vinte pratos em baixela de ouro e por vários criados.

No que concerne a Gregório **Franchi**, que acima referi, despertou-me a atenção o facto de, durante cerca de quarenta anos, Beckford ter tido um Português entre os seus subalternos mais fiéis e dedicados. Essa circunstância levou-me a investigá-lo, tendo, tal como em relação a tantas outras questões relativas a Portugal, verificado que a forma como Boyd Alexander o apresentava na sua biografia não correspondia à realidade pois Franchi era muito mais do que um *homme à tout faire*.

Beckford conheceu Franchi em Lisboa, em 1787, e ficou tão encantado com a habilidade musical do aluno da Escola da Patriarcal que o convidou para ir para Inglaterra com ele. O nome completo do jovem era Gregorio Filippo Francesco Franchi, tendo nascido em 7 de Junho de 1770, na freguesia do Loreto, Encarnação, em Lisboa, e morrido em 1828 em Marylebone Street, em Londres, numa das casas de Beckford, onde Franchi

habitualmente residia quando estava na capital, embora, entre 1811 e 1817, tenha vivido no N° 6 Upper Harley Street (actualmente 100 Harley Street), que Beckford alugava. Morreu de gota e reumático, aos cinquenta e oito anos.

Era filho de Loreto Franchi, um cantor profissional italiano, nascido em Salerno, que vivia em Lisboa. Franchi casou-se em 1 de Julho de 1795, em Alcântara, com Bárbara Maria do Castelo Delage (08.12.1771 Alcântara-09.07.1854 Santa Isabel, Lisboa), teve dois filhos e duas filhas mas a família permaneceu em Portugal enquanto ele viajava. As qualidades intelectuais e o gosto requintado deste Português de origem italiana fizeram com que se transformasse primeiro num verdadeiro secretário e, mais tarde, no exigente *marchant* que viajava por toda a Europa procurando objectos de arte para a colecção de Beckford.

Todas as referências e cartas existentes no espólio revelam que a dedicação que tinha por Beckford era genuína e que se manteve durante toda a sua vida, tendo a relação entre ambos excedido a de um patrão com o seu subalterno e, embora o estilo da correspondência de Franchi - que ainda estou a estudar neste momento - seja sempre muito deferente. Contudo, é óbvio que, ao longo do tempo se tornaram amigos.

Durante vários anos, Franchi foi também uma espécie de administrador, ou guarda livros, de Fonthill, anotando todas as despesas e aquisições mas, sendo um homem de grande cultura e um artífice que

desenhava as peanhas e os suportes em ouro e prata dos objectos que adquiria - como se comprova nos álbuns dos ourives, que hoje estão no museu Victoria and Albert - e um conhecedor e crítico de arte, como se verifica pelas descrições de pinturas que enviava a Beckford antes de as comprar, veio a ter grande importância na constituição das colecções existentes em Fonthill e Bath.

Segundo alguns estudiosos, tanto Beckford como Franchi eram membros da Ordem de Sto. António, usando ambos sempre a cruz da ordem e sendo este designado como Chevalier Franchi. Esta ordem é um capítulo da Ordem de Cristo, antes denominada *Real Ordem dos Cavaleiros de Nosso Senhor Jesus Cristo*, que, por sua vez, veio substituir a Ordem dos Templários, que alguns consideram ter relações com a Maçonaria no século XVIII.

Como já vimos, quando regressou a Inglaterra, Beckford dedicou-se à construção de Fonthill Abbey, segundo alguns estudiosos, inspirado pelas visitas que fez aos Mosteiros de Alcobaça e Batalha sobre os quais escreveu páginas inesquecíveis mas, decerto, também pela Catedral de Salisbury, que estava na proximidade. Trouxe-vos aqui algumas imagens, tanto do exterior como do interior desta magnífica residência, recordando todo o saber e capacidade arquitectónica de Beckford, que lhe permitiram erigi-la e que atraíram visitantes famosos como Lord Nelson, além da família, como os primos Peter e Louisa Beckford, com quem viveu uma ardente paixão como

podemos ver pelas cartas de amor que guardou durante toda a vida. Sobre a "sua" Abadia foram também escritos poemas e publicadas inúmeras descrições na imprensa da época, assim como pintados quadros famosos e múltiplas gravuras.

Outro dos interesses de Beckford, para além da literatura, da arquitectura e da música, era a **arquitectura paisagística**. Consequentemente, onde quer que estivesse a viver, contribuía para a transformação do ambiente. Deste modo, fez jardins no Ramalhão, em Monserrate, em Fonthill Abbey e em Lansdown Tower em Bath. Foi influenciado pelas ideias de *Sir Uvedale Price* e pelo que viu nas suas viagens 'pitorescas' na Europa. Relativamente a Portugal, quero destacar a sua contribuição para a mudança de gosto dos jardins à francesa, segundo o modelo de Le Nôtre, como vemos no Palácio de Queluz e em Seteais, para os jardins *à l'anglaise* com a importação de plantas exóticas, tanto para Ramalhão como para Monserrate, e até com a cedência do seu jardineiro chefe, Vincent, para ensinar os jardineiros reais, criando assim aquilo que se pode considerar uma escola de jardinagem.

Heráldica

Como referi, Beckford tinha um grande desejo de ascender à nobreza e gastou muito dinheiro e energia numa tentativa frustrada de obter o título, que lhe ia ser concedido antes do escândalo que acima referi. Esse facto despertou nele um interesse pelos estudos heráldicos, tendo mesmo, a partir

das armas dos seus antepassados nobres, constituído um brasão que estava tanto nas suas casas como nas encadernações dos livros, como podem ver aqui.

Uma das características mais marcantes da personalidade de Beckford é, sem dúvida, a de **coleccionador**. Na verdade, além de ser um *connoisseur* e mecenas - como se comprovou em Portugal com o apoio que deu a Domingos Sequeira e José Policarpo a quem encomendou várias obras - tinha também, tal como outros seus contemporâneos, aquilo que se pode designar como a mania das colecções, dedicando uma grande parte do seu tempo à busca, aquisição e criação de objectos de arte que expunha nas suas casas.

São vários os campos a que se dedicou nesta área mas a sua actividade incessante constitui uma das facetas mais extravagantes na história da evolução do gosto e do hábito de coleccionar. Entre as suas famosas colecções destacam-se as pinturas, actualmente expostas nos melhores museus do mundo, os retratos de familiares como este da tia pintado por Benjamin West, a colecção de cerâmicas com suportes em *ormolu* ou bronze dourado e casquinha que comprava não apenas pelo seu interesse histórico - como acontecia com as porcelanas chinesas - mas também pelo seu potencial decorativo.

Entre 1810 e 1823, Beckford e o seu agente Gregorio Franchi (1769/70-1828) trabalharam de perto com muitos ourives de Londres,

incluindo o famoso Aldridge, para criarem os seus *designs* de inspiração histórica para peanhas em peças de cerâmica e pedras semipreciosas para a colecção de Beckford em Fonthill Abbey, tal como o conhecido vaso Gaignieres-Beckford, que hoje está no National Museum of Ireland, em Dublin, e que tinha um suporte em casquinha e esmalte em estilo gótico.

Entre outros objectos de colecção, são de referir as pratas, como o conjunto de seis pratos de sobremesa em casquinha muito trabalhados, que datam de 1813, concebidos por Beckford e pelo Chevalier Gregorio Franchi para serem usados em Fonthill Abbey e que foram feitos por Joseph William Storey e William Elliot e estão actualmente expostos no museu Holburne, em Bath. Estes ourives fizeram também um conjunto de colheres de chá prateadas que foram adquiridas por *Sir* William Holburne na venda da colecção de Beckford, em Bath, em Novembro de 1845, após a sua morte.

No Museu Britânico, podemos também ver um armário com um tampo de mármore encomendado por William Beckford em 1826. E, no Victoria and Albert Museum, entre outros, vemos a magnífica taça chamada *Beckford Cup* feita, em 1814, por James Aldridge, segundo desenhos de Gregorio Franchi e talvez do próprio Beckford.

O extraordinário bule prateado em forma de melão e com um suporte, foram ambos encomendados por Beckford para Fonthill, quando a sua fortuna estava a aumentar devido à subida do preço do açúcar, e foram feitos pelo ourives Paul Storr, em 1812, na sua fábrica em Soho. Antes

estavam em Hamilton Palace, em South Lanarkshire, na Escócia, visto que a Duquesa herdou toda a colecção e, embora muitos artigos fossem vendidos ao longo dos anos, ainda restou uma grande parte incluindo objectos de prata feitos especialmente para Beckford que foram transportados para as diferentes residências da família Hamilton mas, actualmente, estão expostos no National Museum of Scotland. Beckford tinha um interesse especial nos estilos artísticos mais antigos e o bule e o suporte eram uma combinação curiosa de modelos europeus e orientais. São certamente influenciados pelas cerâmicas chinesas e possivelmente por pedras semipreciosas indianas e bronzes chineses. Beckford e o seu amigo e agente Gregorio Franchi provavelmente deram a Storr indicações escritas e desenhos para esses excepcionais artigos. Ambas as peças foram também adquiridas pelos National Museum of Scotland em 1977.

Na colecção de Beckford havia mais de 200 peças em prata que representam o seu patrocínio de artífices durante mais de sessenta anos. Entre elas, há um grande grupo de objectos extremamente originais feito para Fonthill Abbey, que formam o mais antigo exemplo do estilo chamado historicista que viria a ter um papel dominante na prata inglesa, mais tarde, no século XIX.

As pratas mais antigas associadas a Beckford constituem um conjunto de objectos domésticos feitos em 1781, provavelmente para a extravagante

festa de aniversário dos seus 21 anos que teve lugar em Fonthill Splendens, a casa paterna.

A prata era um aspecto digno de menção na decoração das casas de Beckford e um dos seus biógrafos relata como havia aparadores e armários onde estava exposta em grande profusão todo o tipo de objectos raros de ouro, prata e jóias que brilhavam à luz dos candelabros com um efeito espectacular. Esses candelabros eram também de uma qualidade excepcional e da autoria do artífice John Scofield. A prata de Beckford era convencional, magnífica e neo-clássica e decorada à maneira contida e simples típica da época.

No que se refere à extravagância das peças de toda colecção beckfordiana e ao mobiliário, tal como os magníficos armários incrustados com marfim, laca e pedras preciosas, as cadeiras com brasões ou esta original mesa, assim como as taças de Paul Storr com suportes em bronze dourado e os bules originais, podemos concluir que elas nos contam a história do seu proprietário e nos falam da sua obsessão com a beleza criada do mesmo modo que vibrava com a beleza natural, como nos diz nos relatos de viagem e como podemos ver nestas pinturas de Willes Maddox intituladas *Objects of Vertu*.

Na sua actividade de bibliófilo, Beckford, além de ter umas maiores colecções de livros de Inglaterra, comprou a biblioteca de Gibbon em Lausanne, que leu e anotou como sempre fazia e que serviu de base aquilo

que viria a ser uma das maiores bibliotecas privadas do mundo, sendo a compra de livros raros uma das suas actividades preferidas de coleccionador. Aos 82 anos, Beckford, que podem ver nesta pintura, mantinha praticamente toda a sua actividade e interesses culturais mas, consciente de que a morte se aproximava, e provavelmente temendo que os seus descendentes não o fizessem à medida dos seus desejos e com a devida pompa, decidiu tomar providências relativamente à organização do seu próprio funeral, dando mesmo instruções pormenorizadas sobre o cortejo. O seu desejo de ser enterrado com a sumptuosidade e magnificência com que tinha vivido e não a austeridade do leito de morte levaram-no até a mandar construir um monumental sarcófago em mármore rosa que ele próprio desenhara, verificando todos os pormenores da construção e mandando colocar o seu brasão, como podemos ver neste diapositivo. Tendo determinado que o túmulo devia ser colocado no jardim de Landsdown Tower, todos os dias visitava.

Após a sua morte em 1844, com excepção da Torre em Bath, que aliás também foi vendida como se pode ver neste catálogo do leilão, pouco restava de tudo o que Beckford tinha possuído, pois Fonthill Abbey estava em ruínas, os seus imensos jardins transformados em campos selvagens, toda a sua colecção dispersa e a fortuna gasta a pagar dívidas de jogo do neto, Alexander Douglas-Hamilton, 11º Duque de Hamilton.

Apesar disso, Beckford merece ser estudado por ser uma figura representativa da transição do século XVIII para o XIX, pela excepcional qualidade e originalidade das suas obras literárias, arquitectónicas e musicais, pelo inteligente patrocínio de artistas e pela insaciável vontade de coleccionar objectos de arte que a sua enorme fortuna lhe permitia fazer.

Vou terminar fazendo algumas referências à **produção literária**, de que ainda não falei, e é de referir que escritores como Byron e Mallarmé reconheceram o seu génio. Muitas das suas obras são relatos de viagem, tal como *Fragments of an English Tour*, publicado em 1779, e que é uma curta narrativa baseada livremente num diário que relata as experiências de Beckford durante uma curta viagem em Inglaterra no verão desse ano. É de referir que, ao escrever emocionalmente estas suas descrições da sublime paisagem da região de Lake District o jovem Beckford de apenas 19 anos se antecipou cerca de 20 anos aos pais do romantismo inglês, Wordsworth e Coleridge, com a sua famosa obra *Lyrical Ballads*.

Ainda no campo dos relatos de viagem, que estavam tão em voga na época, são de referir *Dreams, Waking Thoughts and Incidents*, escrito depois de uma viagem em Itália em 1782 ou *Italy: With Sketches of Portugal and Spain*, que escreveu depois das suas estadas em Portugal e Espanha e publicou, depois de rever o texto em 1834 e que se pode contar entre os seus melhores trabalhos literários. Alguns estudiosos têm usado estes relatos procurando neles factos históricos e queixam-se por encontrarem

inconsistências, ou mesmo erros, mas, por mim, penso que devem ser lidos tendo sobretudo em conta a insistência de Beckford na extraordinária importância da beleza e que isso lhe deve permitir misturar o real com o imaginário, tal como é necessário para a expressão artística romântica.

Outra das suas primeiras obras, intitulada *Biographical Memoirs of Extraordinary Painters*, publicada em 1780, era um sarcástico e ligeiro *jeu d'esprit*, que revela toda a sua capacidade de escrever textos humorísticos. É uma sátira em que faz sarcasticamente cinco esboços biográficos de pintores e de escolas de pintura. Esta curta obra destaca-se não apenas pela veia cômica como pelas descrições poéticas de paisagens e pinturas que inclui.

Beckford fez uma sátira das vidas de pintores flamengos, demonstrando um notável conhecimento de arte assim como grande espírito de humor e um estilo encantador. Segundo o jovem autor, a ideia surgiu-lhe por na casa dos pais haver uma coleção de belas pinturas de autores flamengos e ele se divertir a ouvir a governante descrevê-los aos visitantes, tendo resolvido proporcionar-lhe um guia impresso e passando depois a seguir as visitas guiadas divertindo-se ainda mais ao ouvi-la falar de pintores como "Aldrovandus Magnus, with his disciples Andrew Guelph and Og of Basan, Sucrewasser of Vienna, Blunderbussiana of Dalmatia, and Watersouchy of Holland."

Em 1782, escreveu em francês o seu romance oriental, *The History of the Caliph Vatek*, que apareceu em inglês traduzido pelo Reverendo Samuel Henley, em 1786, e que tem um lugar entre as melhores produções literárias imaginativas, sendo actualmente a sua obra mais conhecida. Trata-se de um dos mais importantes textos na tradição do conto oriental na literatura inglesa, um género que era extremamente popular na 2ª metade do século XVIII e em que se integra *Rasselas* de Samuel Johnson e, no período romântico, "The Giaour" e "The Bride of Abydos" de Byron, entre outros. Nem todos os contos orientais têm uma componente "gótico" e *Vathek* caracteriza-se pelo seu sobrenaturalismo selvagem e pela inesperada e estranha mistura de um cómico grotesco com aspectos desconcertantemente horríficos. Beckford é sobretudo lembrado hoje por esta obra que relata as bizarras aventuras de um Califa Vathek que era escandalosamente cruel e matava apenas com o olhar, sacrificou 50 crianças e foi para Istakar para se tornar servo do Diabo.

O gosto pelo exotismo, que o situava numa posição anti-iluminista, estava já patente numa pequena obra que escreveu aos dezassete anos e deixou manuscrita intitulada *The Vision* e que era, segundo o seu jovem autor, apenas um passeio pelo panorama de montanhas, lagos e cavernas de um Oriente indeterminado.

É também o autor de duas paródias dos romances sentimentais tão populares no seu tempo, respectivamente intitulados *The Elegant Enthusiast* (1796) e *Azemia* (1797).

Quanto à bibliografia secundária, como disse no início, ultimamente tal como na época de Beckford, têm sido publicados muitos estudos de que aqui vos mostro apenas alguns exemplos, têm também sido organizadas exposições em Inglaterra, Portugal e Estados Unidos e a sua obra e vida inspiraram até escritores e músicos portugueses como Rebelo da Silva, Carlos Malheiro Dias e Luís de Freitas Branco.

Podemos, aliás, concluir que é natural que se mantenha o interesse por alguém com o discernimento, o saber e o gosto de William Beckford que, como referi, organizou a mais extraordinária colecção de arte do século XIX, planeou e construiu Fonthill Abbey, o mais notável edifício do revivalismo gótico em Inglaterra, que, com *Vathek, an Arabian Tale* publicado em 1786, levou o romance gótico a novo nível, juntando-lhe uma componente inovadora de Orientalismo aterrorizador e que trouxe um novo estilo e uma nova categoria aos relatos de viagem da literatura inglesa. Além disso, ele era também um exímio executante e compositor fazendo juz ao seu mestre Mozart que descreve como "that moonstruck, wayward boy" e um *designer* de interiores e desenhador com uma fascinação por pedras preciosas e uma obsessão por objectos de prata e casquinha.

Gostaria, antes de terminar, de confirmar - como já disse - que um dos meus objectivos, ao fazer esta palestra, seria motivar pelo menos alguns dos presentes a terem uma conversa comigo sobre William Beckford e também a lerem ou relerem as suas obras. Pode dizer-se que Beckford, ao longo da sua vida, teve paixões extraordinárias que incluíram coleccionar, viajar, escrever, desenhar, decorar casas, jardinar, adquirir belos objectos, compor, cantar e tocar música e apaixonar-se, havendo quem o considere um homem da renascença que viveu no Romantismo. Ficaria, por isso, também contente se, com as minhas palavras e com as imagens que projectei, tiver contribuído para melhorar a ideia que eventualmente tinham deste extraordinário coleccionador, arquitecto e músico inglês que tanto gostava de Portugal.

Notas

- ⁱ Citado em M. Laura B. Pires, *William Beckford e Portugal*, Lisboa: Edições 70, 1987
- ⁱⁱ Para tal, serviu-se do artifício legal designado como Chiltern Hundreds
- ⁱⁱⁱ Alexander Wedderburn, 1º Conde de Rosslyn (1733-1805)
- ^{iv} John Charles Felix Rossi (1762-1839)
- ^v Encontra-se na sala de estar da Comunidade dos Jesuítas no Colégio de S. João de Brito.
- ^{vi} "My apartment shall be in the highest story [sic] of the tower . . . from whence I may observe the course of planets . . . here I shall esteem myself under the peculiar influence of the stars."
- ^{vii} As palavras são a divisa da Universidade de Oxford e o título de um poema por Richard Blackmore.
- ^{viii} Pode consultar-se na Bath Reference Library.